

QUARTA-FEIRA
Lisboa--3 de Junho de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

263



renga

sempre

Diário semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Alfredo Vieira Pinto



Quando o nesse último número entrava na paginação, saiu da casca — ha 49 anos — um Pinto muito vivo, e da melhor «criação». Exemplo raro de trabalho, tornou-se gaio no poleiro da Renascença Grafica. Tão dedicado como activo, ama o «Diário de Lisboa» como a um filho: dorme com a rotativa, sonha com as tiragens, e não lhe sai do espirito o «corpo» 8.



Os ditos da semana



A semana da higiene

Acabou a semana da higiene e começou a da tuberculose.

Para a semana já não é preciso lavar os pés. Basta seguir os conselhos divulgados para evitar o contágio.

Dinheiro arranja-se algum e não ha-de faltar sanatorios para tuberculosos.

A seguir deve vir a semana do pão.

Sim, porque não basta construir sanatorios. É preciso não esquecer tambem as padarias.

E haja saúde.

Acabou-se a Rotunda

É triste confessar-lo, mas é um facto iniludível que seria inutil encobrir.

Acabou-se a Rotunda!

Rotunda quer dizer coisa *rotunda* circular, e por isso se chamava Rotunda à Praça do Marquez de Pombal. Era Rotunda porque era redonda. E agora, que deixou de ser redonda, passa a ser simplesmente Praça do Marquez de Pombal.

Era uma praça muito redondinha como certas meninas que passam à tarde na baixa, mas agora amolgaram-na, tiraram-lhe uma fatia, roubaram-lhe a linha graciosa, feita a compasso, que a tornava uma das mais belas praças de Lisboa.

A pretexto das obras do parque que lhe fica visinho, tosquiaram-lhe o passeio, talvez porque dentro do parque não havia espaço para fazer aquilo que estão fazendo cá fóra.

Acabou-se a Rotunda! Já não ha Rotunda em Lisboa!

Marcha atrás

Planie Wang é um «globe-trotter» que se propõe dar a volta ao mundo andando para traz. Julga o homem que vai meter uma lança em Africa, porque não sabe que é actualmente moda fazer marcha atrás, «verbi gratia» o Dox, e tantos meninos bonitos que fazem o Chiado sem sequer reparar que os outros homens fazem todos marcha á frente.

Troca de nomes

Porlapsodisemos no ultimo numero que a capa do novo livro de Augusto Cunha era de Tagarro, quando ela é de Cottinelli Telmo. O seu a seu dono. Fica pois entendido

que «Mais um» tem capa de Cottinelli e que se Augusto Cunha publicar «Mais outro» pode chamar Tagarro para lhe ilustrar a capa. Augusto Cunha mesmo já disse a Tagarro—se te agarro tens que pintar um boneco.

A feira do livro

Os livreiros desceram ao Rocio, armaram a barraca e começaram a vender livros.

O D. Pedro IV deitou um olho—nem, sendo de bronze, mais podia deitar—e julgou que lhe estavam a fazer concorrência á Carta. Gil Vicente largou logo duas inconveniencias em portuguez vernaculo, porque se sentiu desconsiderado julgando que tudo aquilo eram obras do sr. Dr. Alfredo Cortez e da D. Virginia Victo-

rino. As sereias do lago, que são analfabetas, tem se contentado com vêr os bonecos. O publico, que nalguma coisa se parece com as sereias, passa de largo, pensando que não valia a pena vir á feira com aquilo. E só as pombas, as lindas do Rocio trazem a feira debaixo de olho, algumas até com vontade de largar por lá a sua ilustraçosinha.

Anuncios

Mais uma vez fomos recortar ao nosso fornecedor o precioso anuncio que se segue:

Mme. Ribeiro

Trata de todos os assuntos. R. Correia Teles. 21, 1.º Esq.

Ha quanto tempo esperávamos nós um anuncio destes!?

Todos os assuntos! Ora nós temos precisamente, uma infinidade de assuntos a tratar, a saber: venda de uma mina de macarrão; hipoteca de uma quinta com agua de regadio e motor aereo, tão aereo que anda sempre maluco; montagem de uma fabrica de pastilhas de cuspo de andorinha, muito boas para cura de tosses renitentes; estabelecimento de uma oficina de bonecas articuladas, talantes e bem educadas, capazes de dar volta á cabeça de qualquer de nós, etc., etc., etc.

Estes «etceteras» incluem todos os mais negocios que a madame sabe tratar.

Estamos prontos a pagar o que lôr necessario, mas preferimos chegar a uma combinação. Combinado?

Perdeu-se

NUM automovel de dois lugares, uma senhora que foi para a Rua Jardim do Tabaco n.º 60, deixou um guarda-chuva de seda preta. Pede para entregar Rua Almeida e Sousa n. 359.

Perdeu-se num automovel de dois lugares uma senhora...

Já não é a primeira vez que isso acontece.

Cavalheiro

DESEJA quarto para quando vem a Lisboa, em casa de senhora a quem possa auxiliar. Resposta ao n.º 423, Rossio, 42.

Aqui está um que anda á procura da estalagem das camelas e é o que se pode chamar um benemerito.

Quando vem a Lisboa, não pensa senão em fazer bem, ajudando uma senhora que queira precisar do seu auxilio. Ainda ha corações generosos! Coitado! A ideia dele...

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Inscreva-se logo, 4.º por tabela.

DR. ABEL ALVES



Um grande especialista de garganta, nariz e ouvidos, ou a bibe de avesso. Um Abel que não quer o bem que a gente tem na nas venas. As sinchos, mal ele aparece, vão um a um. Assim o atestamos nós, coisa que ele não é capaz de fazer.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

A actriz Beatriz Costa, vai interpretar, com Caetano Reis, em festa artística deste, que se realiza esta noite, no Trindade, um extracto, intitulado *Duas creanças*. Aconselhamos o Caetano Reis a ter mão na Beatriz... porque é uma creança muito traquina...

ESTA-SE a «conspirar» muito no Nacional. Não tenham receio! São os ensaios da *Conspiradora*...

ENTÃO a companhia Hortense Luz vai para a Africa! Não merecia uma pena tão grave!

COMEÇOU a escrever uma peça para o teatro da Trindade o sr. Ramada Curto.

O *Sempre Fide* pede a todos que não o perturbem no seu trabalho. Pede também á Camara Municipal que proíba o transito de veículos na rua onde mora o illustre dramaturgo...

CONSTA que o actor Erico Braga vai fundar, no Porto, um seminario intitulado *O Guarda-Sol*...

DO *Diario de Lisboa*:

«São, pelo menos, quatro os teatros que, no proximo inverno, regressando ás antigas organizações completas, apresentarão elencos regulares, perfectos, e repertorio de antemão escolhido.»

Então, não era assim que devia ser sempre?...



- Qual é a «estrela» de cinema que mais admira?
- A Raquel Meller.
- Tem graça. Eu tambem sou Raquel.
- Pois sim, mas falta-lhe o Meller...

A tão celebre companhia das «Três Marias» passou-se para o Maria Vitoria, accedida de mais uma Maria — a Brazão. Pronto! Já não há mais Marias na terra!...

O *Verde Gato* passou a estar em exposição no Apolo. Como o verde é a cor da esperança, estamos esperançados que o Apolo volta a ter agora o seu publico...

TAMBEM do *Diario de Lisboa*:

«A proposta de exploração do Politeama foi feita ao empresario Luis Pereira pelo representante de um grupo de capitalistas que já all fez uma temporada feliz.»

Cuidado! Da outra vez foi farinha; agora pode ser farinha...

O popular Carlos Leal, o negro «Barata» do *Zaz-Traz-Paz*, voltou a sua celebre pópa do capelo. Pelo visto, não se poupou a sacrificios, nem poupou a pópa...

VAMOS ter uma companhia brasileira de revista, com um repertorio absolutamente regional e com figuras caricadas do seu teatro pitoresco.

Teatro brasileiro? Não conhecemos! Deve ser tudo português!

DA *Republica*:

«Diz-se: que uma graciosa actriz, nas suas horas de ocio, anda ha tempo bordando uma rica prenda para oferecer a um conhecido e aplaudido artista taumaturgo.»

A arte de Talma e a arte de Montes sempre andaram ligadas...

OS criticos teatraes e musicais reuniram-se no S. Luiz.

Seria para confraternizarem sobre a unidade de vistas que tiveram no que escreveram acerca da *Greve do Amor*?

... Daquella vez, o bom senso não esteve em greve!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



Veja-se a importância da Semana do Livro, e como se viu a importância do papel para a imprensa, foi o incapaz e animado do «Semana do Livro». Mas não há dúvida de que a «Semana do Livro» é a verdadeira roda da fortuna dos livreiros. Têm as lojas ás portas, e vêm agora as barracas á porta!

Elevador da Gloria

O noctivago, bastante alcoolizado: — O' sr. policia: queira ter a amabilidade de me dizer onde moro?

O policia, nada surpreendido: — Como se chama a sua cosinheira?...

* * *

Ablativos de viagem:

A mãe: — Avia-te, filha! Faltam dez minutos para o comboio!

Ela: — Não tenhas pressa, mamã! O papá adiantou o relógio quatro horas...

* * *

Ela: — Outro beijo, querida, antes de nos separarmos!

Ela: — Sim, mas não tenhas pressa. A mamã só daqui a uma hora está cá!...

* * *

Ela: — Quando nos casámos, prometeste obedecer!

Ela: — Naturalmente! Então querias que protestasse deante do padre que nos casou?...

* * *

A senhora gorda: — Porque não me deixa entrar no electrico, se ha dois lugares?

O condutor: — Porque não são juntos, minha senhora!

* * *

O advogado: — E você não tem outros meios de defesa?

O preso: — Não, a pistola foi-me apreendida pela policia...

* * *

O empregado: — Queria que me concedesse licença para não vir amanhã ao escritório. Celebro as minhas bodas de prata!

O patrão: — Você está louco! Então você julga que todos os vinte e cinco anos lhe dou licença para isso, havendo aqui tanto trabalho?!

* * *

Entre miudos:

— Tenho uma irmãsinha.

— Como sabes que é menina?

— Porque todos os dias lhe põem pó de arroz na cara...

O Solar dos Leões

A inauguração do Solar dos Leões, recentemente realizada, levou-nos a apreciar in loco a natural satisfação que gosariam na sua nova e quiça ampla moradia os jubados habitantes que ali gosarão agora, parece-nos, as delicias duma liberdade comparada à de um gorás forçado a submergir num aquario mais ou menos caseiro. Comtudo, os soberbos felideos, que por sinal não são trouxas, convencem os visitantes a gentilmente esportularem para terem o prazer de lhes admirar as magestosas atitudes. Mas, como não vivem no á vontade que só o viver aventureiro das selvas lhes proporciona, apesar de terem casa, cama, mesa e *sage-femme* para o remate das suas necessidades fisiologicas, não vivem contentes nessas novas instalações.

Observai-os no seu Solar, tão bisonhos, taciturnos e desconsolados que até me pareceram os visitantes dum outro Solar, alegre e ceçonheiro, onde ha alegria — pelo menos na menção toponimica — depois de ouvirem um fado gemebundo, de melancolica evocação, cantado com tremeliques na garganta e versos de tristonho sentimento repassado de compungida saudade. Porém, apesar de tristes, estes animais ainda tinham a compensadora consolação de serem admirados a 2\$50 por cada par de olhos curiosos.

* * *

Mas a inditosa Familia Urso, coitadinha, menos basejada pela ventura, vivia abandonada do interesse publico e curtindo no seu isolamento a mais cruel das provações intimas que se desenrolava, mergulhada em profundo e insondavel misterio. Por isto destacamos o nosso *reporter* de maior cultura animal para esclarecer os nossos 25 milhões de leitores, e ele, com a acuidade profissional que o caracteriza, obteve os seguintes elementos de reportagem:

Nem tudo é materialismo na vida: Almas apaixonadas e crentes num futuro que se lhes antolha delicioso enfegam-se, voluptuosas, aos sonhos da sua felicidade, buscando nas regiões ignotas do desconhecido o balsamico apanagio para os corações sedentos de um amor puro e idealista que neste mundo difficilmente se encontra.

Ha ainda outros lunaticos que, com uma sobriedade que toca as

raias da timidez, desprezam o *flirt* em *tête-a-tête* e, dominando seus impetos naturais, criam obstáculos ou renunciam a um amor terreno, entregando-se com delirio á continencia amorosa e ao platonismo romantico.

Almas estoicas, de forte envergadura, empenham a sua palavra e respeitam sentimentais ligações que os prendem a centenas de léguas de distancia.

Quanta doce ilusão não une apaixonados vivendo em continentes opostos e quanta dama não fica colocada — salvo seja — sob o seu ardoroso cavaleiro, apenas pela razão de serem antipodas.

Esta forma telepatica de amar, que se julgava atributo exclusivo do genero humano, tem tambem os seus corifeus no reino dos irracionais. Senão vejamos.

E' notorio que a fauna do nosso Jardim Zoologico foi ha pouco tempo acrescida de dois mimosos ursinhos, filhos legitimos de um casal que lá se encontra. Os respeitaveis progenitores de tão peludos e infantis miudinhos estavam ambos condenados á vida em comum naquele ambiente restricto, sem privações de ordem gastronomicas, criados para os servirem e arrendamento gratuito de moradia, mas, por misteriosos motivos, os seus corações não viviam felizes. A alentada fema, passiva e amorosa, vivia ralada de desgostos pela indiferença do seu peludo marido. Ainda enquanto estavam nas suas estranhas os embrionarios rebentos, que firmariam para a Direcção do Jardim a successão da sua espécie, a pobre animala acalentava a esperança de conseguir captar o coração do urso seu companheiro. Mas que desilusão. Ainda puerpera e quando os carinhos dele tanto lhe eram preciosos, experimentou o amargo convencimento de que não era amada. Seu marido, que durante o dia se esforçava por a supertar, de noite irritava-se, fugia dela e suspirando como um só plantigrado o pode fazer, uivava lancinantemente, encostado ás grades da sua residencia. E deveria sofrer bastante! Irritado pela sua ferocidade nativa, abafava-se numa tal morbidez que, inspirando piedade, causava dó. A companheira, acercando-se dele, farejava-o, grunhia mansamente e, afagando-o com brandura, passava as ursideas manápulas de aguçadas unhas pela lombeira do esposo e interrogava-se a si propria da razão de tal sofrer. Aquele remanso solitario, onde não chegavam boatos politicos, aquele urso não estava ainda futebelizado como alguns outros, não tinha ouvido ainda uma gronola a moer fados nem sabia que os janizaros tinham introduzido as suas funções musicais em meios civilizados. Por isso era difficil atribuir tamanha irritação. Mas numa noite estrelada em que esta triste scena se repetia, a compungida e ciumenta esposa só não exclamou o famoso *Eureka!* porque não falava grego, mas, seguindo com a vista a direcção do olhar do seu apaixonado peludo, teve a justificação daquelle viver apatico que lhe dilacerava a alma e deixava em repouso as entranhas.

E' que o urso, que amava tão loucamente mas que a desprezava fugindo de si, olhava empolgado com visivel interesse para a abobada celeste, suspirando enervado com o o louco entusiasmo de que estava possuido. E assim se descobriu tudo.

* * *

Esse urso formidavel estava platonicamente apaixonado pela *Urso Maior*, a quem fazia a corte e que não lhe correspondia, porque lá no céu os ursos não se admitem.

ALEXANDRE SETTAS.



— As colheres que nos deu a tia Engracia, pelo nosso casamento, não são de prata.

— Mas tu sabes conhecer a prata?

— Não, mas conheço a tia Engracia...

Tac-Tac-Tac

Na reunião das quartas-feiras, em casa de D. Escolastica de Faria Castelos, apareciam sempre, impreterivelmente, Mendo da Costa Banha e sua esposa, D. Rogéria das Aguas Livres.

Um casal modelar, como diziam quantos com eles se entretinham nos belos saraus da D. Escolastica, em que havia telefonia sem fios, com danças alegres e fadinhos brégeros, ou duma sentimentalidade réles, além de bolos e chá, mais ou menos trageveis, e a sempre obrigatoria *partidinha* do quino, em que a dona da casa ganhava invariavelmente o necessario para fazer face ás despesas das reuniões familiares e elegantes e ao dia-a-dia do seu lar.

Fidalgos (eles o afirmavam, comovidos e convictamente) da mais castiça linhagem, parece que descendiam, ele, em linha recta, daquelle celeberrimo Vanha, do tempo dos godos. Viera-lhe, do ascendente illustre, D. Roderico Vanha, este apelido porque, duma vez, em combate com um chefe moiro, este lhe dissera: — «Lá vai maçã!», erguendo um enorme porrete ferrado e temivel. D. Roderico (de boa memoria), que ainda não sabia do acôrdo ortografico entr. a Academia Portuguesa e a do Brasil, supondo que o moiro falava de *massa-dinheiro*, respondeu, altiva e heroicamente: — «Venha ela! Venha!» O moiro pregou-lhe uma cachaporrada no alto do toitiço que o nobre cristão estarteceu de maneira inegavelmente definitiva.

O heroi godo morreu. E seria (no dizer do Mendo) a origem do seu nobilissimo nome que, por corruptela muito explicavel pela corrupção dos nossos costumes, de *Venha* fizera *Vanha*, e, de *Vanha*, *Banha*.

Quanto á fidalguia de D. Rogéria, fóra D. Sancho que dera a uma multiseccular avó o apelido de *Aguas Livres*, pois que, sitiada Lamego pelos suevos-galegos de D. Afonso de Leão, o Bravo, fóra ele, um tal Espróvido Rodrigues, que, abrindo uma salvadora mina, conduziu as aguas do Alviela até á praça sitiada, abastecendo os pobres portugueses, condenados pelo cerco a só beberem espumoso da Raposeira.

Mas o meu amigo Méra (João Méra, o Brume! lusitano), que tem ataques de verdadeira loucura, descobriu, num sarau, a verdadeira origem dos nomes dos tão estimados e respeitadissimos fidalgos.

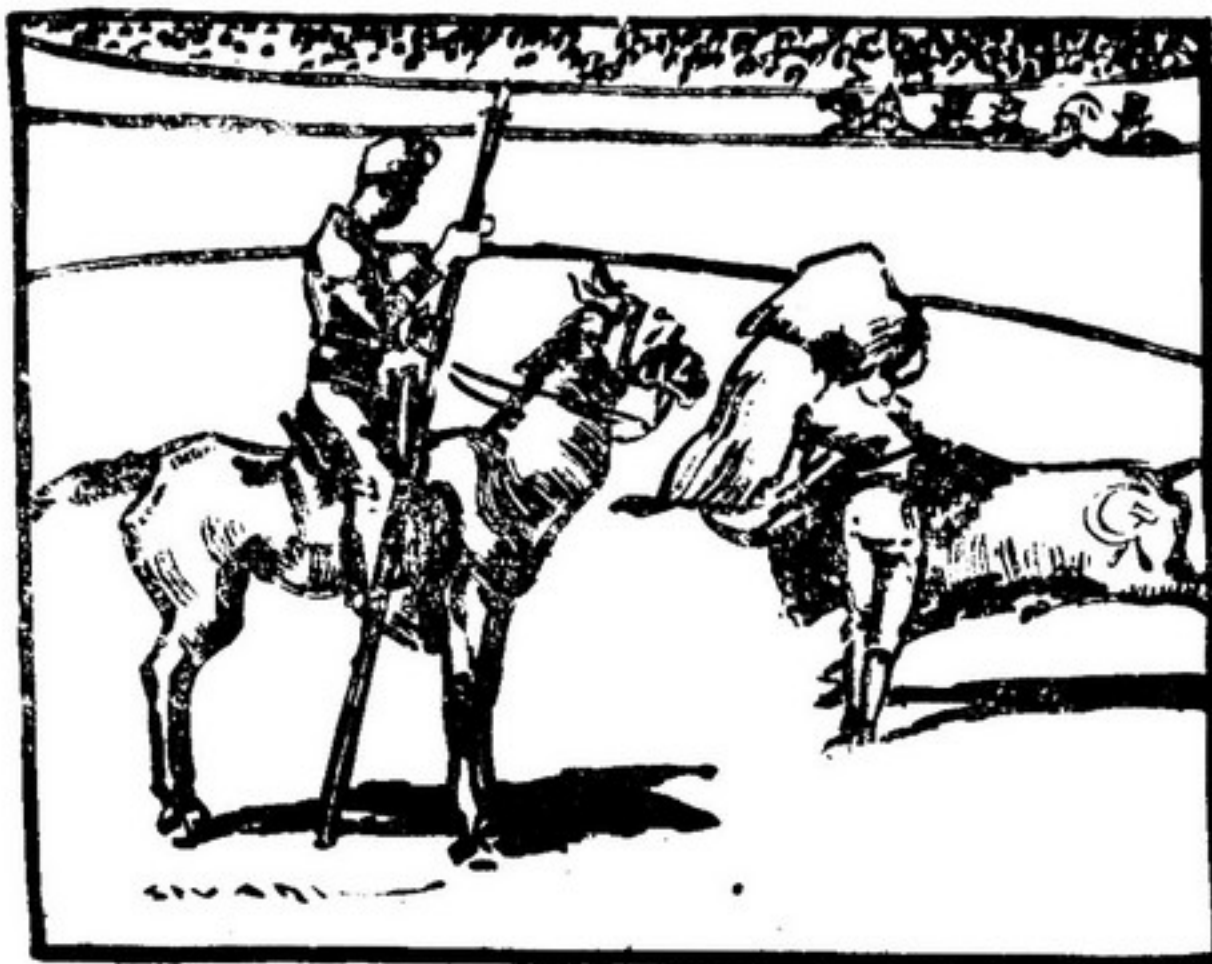
O D. Mendo chamava-se *Banha* porque o pai ganhara uma fortuna vendendo, na sua mercearia, espuma de bilis do Hospital do Desterro por manteiga de porco. E a D. Rogéria chamava-se *das Aguas Livres* porque a mãe, conhecida galinheira da Praça da Figueira, tinha fama de não se conter, por uma incontinencia de urinas que se tornara popular em todo o seu bairro.

D. Escolastica teve um desmaio e, a chorar, exclamava, quando voltou a si:

— Estes fidalgos d'agora chamam todos... a gato!

CIRANO DE VELHOFRAO.

A ultima corrida



Depois da Republica no pais vizinho, os touros de raça espanhola, marram de preferencia contra o Nuncio.



— A casa é socegada?
— E' muitissimo socegada. Imagine que, por sorte, a vizinha do lado nem sequer tem creanças...

Noticias do dia

Desordem

Ontem, cerca das 53 e meia, envolveram-se em desordem, a porta da «Brasileira», os srs. Adriano Pingado e Manoel de Agre Sôr. Da contenda resultou o Pingado ficar a pingar sangue. Três horas depois, chegou a policia, tendo o sr. juiz de Paz tomado conta da occorrença. O Pingado fugiu, aproveitando o desconto de 20 por cento que o Grandela dá a todos os seus clientes. O Agre Sôr foi preso.

A Semana do Livro

Teve, como era de prevêr, um verdadeiro exito a inauguração da Semana do Livro. O local da venda é como se sabe, tendo havido mais concorrência de que quando lá estiveram as floristas. Os livros mais vendidos foram: «A Explicação dos Sonhos» e o «Manual do Perfeito Pasteleiro».

A comissão organizadora vai protestar junto das autoridades para que estas proibam a concorrência dos vendedores ambulantes, que andam fazendo especulação com as ultimas edições dos grandes exitos das Escadinhas do Duque: *O que o primo fez á prima na noite do casamento* e *O Marido que trocou a mulher por uma burra leitreira*.

Haverá crime?

Consta que o conceituado comerciante da nossa praça Antonio Covelo anda com uma enorme vontade de matar um seu colega pela concorrência desleal que este lhe faz no preço dos generos. O Governo já tomou as necessarias providencias. A' hora do nosso jornal fechar, o Antonio Covelo já está á porta da loja do seu colega. Haverá crime?

Gatunos de esticção

Queixou-se á policia a sr.^a D. Laurencia Esteves, que ontem, pelas 16 horas, foi assaltada por dois gatunos de esticção, que começaram a esticar por ela, com grande gaudio do rapazio. A sr.^a D. Laurencia, que está agora muito mais comprida do que era, foi nomeada socia da Sociedade Protectora dos Animais, tendo sido reformada com o ordenado por inteiro.

D. Laurencia protestou energicamente, mas com uma certa correcção, não havendo, felizmente, desastres pessoais a lamentar.

Acidente de trabalho

Deu entrada no Hospital, em estado grave, o trabalhador José Var, de 32 anos, a avaliar pela altura, que, num andaime onde andava a trabalhar, foi colhido aparatosamente de encontro ás tabuas do andaime. O caso foi acorrer muita gente ao local do crime, rendendo o produto das entradas a quantia de duzentos mil réis.

Perigosa ascensão

O audacioso piloto aviador Julio Beron realizou ontem a ascensão do elevador de Santa Justa, tomando depois o carro para Campolide. O arrojado aviador, que aterrorizou pelas alturas do Rato, foi recebido pelas altas individualidades, tendo-lhe sido reiterada a sua segurança.

IGNACIO DA PURIFICAÇÃO.

O duelo de Ximenes Graça dos outros

Ximenes Zilhão de Alemquer publicava diariamente, na *Aurora*, uma pequena cronica sob a rubrica «Comentarios dum alfacinha», que assinava, aproveitando a inicial do seu nome, com o pseudonimo de «Xis».

A *Aurora* não lhe dava, todavia, o suficiente para viver, pelo que Ximenes Zilhão de Alemquer fazia tambem, diariamente, para o *Crepusculo*, uma cronica, que subordinava ao titulo de «Desabafos dum lisboeta». Assinava-a, aproveitando a inicial do seu segundo nome, com o pseudonimo de «Zê».

O director da *Aurora* proibira-o de escrever para outro jornal. O do *Crepusculo* tambem.

Um dia, Ximenes Zilhão pensou: — Passo metade do meu tempo a reccar que o Soares, director da *Aurora*, descubra que eu trabalho no *Crepusculo*, e a outra metade com medo que o Sousa, director do *Crepusculo*, perceba que eu colabore na *Aurora*. Mas ha um meio de resolver a questão...

E, agarrando á pena, escreveu para o *Crepusculo* o seguinte, que naquela mesma tarde veio a publico:

«DESABAFOS DUM LISBOETA

Ha quem me condene por usar de benevolencia para quem a não merece.

As coisas, porém, chegaram ao maximo.

Quero referir-me ao senhor Xis. Tem os senhores lido num vago jornal da manhã as idiotices que esse senhor faz publicar?

Não pode, em verdade, ser-se mais pobre de espirito...

Etc., etc.

Terminava a prosa, pôs-lhe a assinatura de «Zê».

Agarrou noutra folha de papel e escreveu o seguinte, que assinou «Xis»:

«UM MOTO»

Quando se fala do Kaiser, toda a gente sabe que se fala do exilado de Dorn; quando se fala do maior actor português, sabe-se que é Chaby Pinheiro, e... quando se fala dum «altha», não é difícil saber que é Zê o individuo em questão.

Etc., etc.

* * *

Tomás Xavier, que passava a sua vida á porta dos cafes, afirmava á boca cheia que trabalhava para os jornais.

— Onde? — perguntaram-lhe.

— Na *Aurora*. Todos os dias escrevo e assino até com a inicial do meu apelido: «Xis».

Ha dias, voltava-se ainda o nosso homem para o outro lado, quando lhe entraram pela porta dentro o José Silva e o Antonio Lopes, seus velhos amigos, que, mostrando-lhe o *Crepusculo*, lhe disseram:

— Já viste o que diz este «tipo» de ti? Pois se não te bates com ele até depois de amanhã á tarde, considerar-te-hemos o ultimo dos covardes.

* * *

Francisco Zacarias habituara-se ha muito á ideia de afirmar que colaborava nas gazetas. E, quando lhe perguntavam onde, dizia, ufano:

— No *Crepusculo*. Todos os dias. Mas assino modestamente com um pseudonimo.

— Qual?

— «Zê».

Pois Zacarias viu entrar em sua casa os seus velhos amigos Joaquim Soares e Inacio da Purificação, que, mostrando-lhe a *Aurora*, disseram:

— Já viste o que diz o teu confrade «Xis» a teu respeito?

— Já...

— Pois se até depois de amanhã á tarde te não bates com ele, con-

siderar-te-hemos o ultimo dos poltrões...

* * *

Ximenes Zilhão de Alemquer, o jornalista que colaborara de facto nos dois jornais, recebera naquela manhã dois bilhetes. Um do director do *Crepusculo*, pedindo-lhe para passar imediatamente pelo jornal. Outro, do director da *Aurora*, com identica recommendação.

Uma hora depois, dizia-lhe o director do *Crepusculo*:

— Meu caro Ximenes, o que o seu colega da *Aurora* diz de você é o maximo. O senhor só tem, pois, um caminho a seguir: bater-se. A menos que... queira perder o seu lugar.

— Sim, senhor.

No caminho para a redacção da *Aurora*, Ximenes Zilhão foi pensando com quem diabo se iria ele bater, se os dois colaboradores eram uma e a mesma pessoa.

Disse-lhe o director:

— Pelo que de insultos diz o seu colega «Xis» a seu respeito, o senhor só tem um caminho a seguir: bater-se. A menos que... queira perder o seu lugar.

O dia e a noite que o Ximenes passava são facéis de supôr. Quasi que não comeu. Dormiu horrivelmente.

Mas, no dia seguinte, disposto a confessar toda a verdade, entrou na redacção do *Crepusculo*.

— Bravo! Muito bem. Dê cá um abraço... Assim é que se portam os homens de honra!

Ximenes, sem perceber nada, agradeceu e saiu pela porta fora, entrando momentos depois na redacção da *Aurora*.

— Bravo! Optimo! Sim, senhor. O senhor provou que é um homem de honra.

Atonito com o que ouvia, Ximenes Zilhão fugiu espavotado.

A' tarde, lendo o *Crepusculo*, teve a justificação do facto. E' que se lia na primeira pagina:

«PENDENCIA

Depois duma polemica de imprensa entre os nossos confrades Xis, da «Aurora», e Zê, do «Crepusculo», um duelo tornou-se inevitavel.

Assim, ontem, os dois adversarios tiveram um encontro á pistola, tendo-se trocado duas balas sem resultado.

Pelo sr. Xis, (aa) José Silva, Antonio Lopes. — Pelo sr. Zê, (aa) Joaquim Soares, Inacio da Purificação.»

Pelo dedo se conhece o gigante



— Não era necessario vêr as suas pinturas para se vêr logo que era cubista...

— Que fazes neste alfarrabista? Ha quinze dias que te vejo sempre aqui.

— Schut! Estou lendo as obras completas de Penson du Terrail!...

* * *

O enfermo, delirando: — Onde estou? No paraizo?

A esposa: — Não, meu amor! Estou aqui ao pé de ti...

* * *

O tio: — Os meninos acaados nunca metem o polegar na boca!
O sobrinho: — Então, qual se mete, tio?

* * *

Na rua:
O transeunte: — Estupido! Sapicou-me de lama!

O «chauffeur»: — E eu tenho culpa que a tivessem posto aqui?

* * *

Ela: — Casamo-nos ha dois anos e agora chamas-me burro, estúpido, tudo quanto te apetece. Porque não me chamaste antes?

Ela: — Ter-te-hia chamado se estivesse segura que te casavas comigo!...

* * *

Na livraria:
Ela: — Desejo o «Como ser feliz ao amor».

O caixeiro: — Está esgotado, mas temos um livro sobre jiu-jitsu que é muito bom...

* * *

Na estação do caminho de ferro:
— Papá, aquele senhor leva a nossa mala de mão!

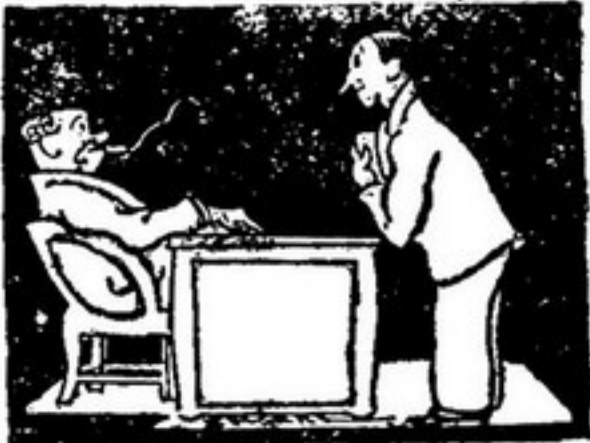
— Deixa-o levar! Pouparamos o dinheiro do moço! Quando estivermos no comboio, facil nos será provar que se enganou!...

* * *

A mulher: — Ha quinze dias que o teu amigo não nos sai de casa! Já se devia ter ido embora!

O marido: — Diz-lhe que a sua mulher deve estar muito aborrecida sem ele!

A mulher: — Já lhe disse e ele respondeu-me que vai escrever-lhe para que venha!...



—O sr. tem pratica de guarda livros?
Ora essa! Saiba V. Ex.ª que fui guarda da biblioteca 10 anos!

Plágio, não!

Um Fulano de Tal escreve-nos a seguinte carta que gostosamente reproduzimos:

Meu caro «Fixe»:

Sou teu leitor, desde que nasceste — e, pela mesma razão que as amas adoram as crianças que amamentam e para cujo nascimento, entretanto, não meteram prego nem estopa — também te dedico eu o melhor da minha amizade.

...Não tem de quê...

Mas agora chega-me às mãos um jornal humorístico caricato (pelo menos ele tem aquela pretensão...), intitulado *A Manhã*, de que é director um sr. Aporelly ou coisa parecida — e que usa de chapa também, como tu, a mesma gracinha quanto a «Expediente», dizendo *ipsis verbis* o mesmo que tu dizes: — que é jornal sério, que não usa expedientes e, quanto a anúncios, isto agora é por tabela — *exactissimamente* as mesmas palavras que tu empregas.

Ora isto sugere a seguinte pergunta: — Qual dos dois plagiou?

... Pois que provadíssimo está que plagio houve.

Foste tu? — Se assim foi, cala-te muito bem caladinho, *retira a graça* e passemos uma esponja sobre o assunto.

Poi *A Manhã*? Então declara-o alto e bom som, para que o culpado sofra o merecido castigo.

Mas se porventura és tu o ladrão e persistes no roubo — então, meu caro *Fixe*, sinto muito, mas retiro-te a minha amizade. E veras que te arrependes.

Já Cristo dizia: — Dai ao *Fixe* o que é do *Fixe* e a *Manhã* o que é da *Manhã*...

E ate quarta.

Amicus ex corde,

FULANO DE TAL.

E agora vamos explicar-nos. O nosso querido director, quando da sua estada no Rio de Janeiro, foi amavelmente entrevistado por Aporelly, quando director da *Manhã*, para todos os números do seu jornal. Daí resultou uma amizade tão sincera e tão funda que os dois queridos directores ficaram sendo como que uma única pessoa, com o dom da ubiquidade — começa a palavra, pois não? — um no Rio, outro em Lisboa, um na *Manhã* outro no *Sempre Fixe*.

A graça, como *Fulano de Tal* sabe muito bem, é universal e já existia no Paraíso terreal quando a serpente fez à mãe Eva aquela piada de lhe aparecer com uma maçã apetitosa, para ela tentar Adão. Ora essa piada, que até o proprio *Fulano de Tal* com certeza já tem plagiado, não indigna ninguém por ser plagiada.

Foi o que fez o nosso querido director. Plagiou a gracinha do querido director da *Manhã* porque — havemos de confessá-lo — é uma boa laracha, que tem dado no gôto a muita gente e deu a *Fulano de Tal* um pretexto para escrever uma carta que é um bocão de colaboração gratuita para o *Sempre Fixe*.

Isto aqui é sempre a ganhar e não é usar de expedientes...

DESSPORTOS

O Portugal-Belgica

Gostavamos de conhecer o *dedo de leão* que escreveu a cronica no colosso e nosso camarada *Diario de Noticias*.

E' claro que, falando neste jornal, também nos referimos ao bimensario desportivo conhecido pelo titulo de *Os Sports*.

Porque, é curioso, as opiniões de *Os Sports* são sempre, *sportivamente* falando, as opiniões do colosso. Como estas opiniões são *colossais*, não resistimos — é tentação demoniaca — ao comentario, leve e gracioso, claro, como está nos nossos habitos...

Todos os jornais se referem encomiasticamente ao trabalho de Vitor Silva. E dizem: Vitor, o grande Vitor, foi assombroso, esplendido, *tout a fait porrière*...

A *Voz*, um jornal circunspeto e grave, diz que Vitor Silva *foi dos melhores*.

O *Diario da Manhã*, pela pena autorizada do doutor em medicina e também doutor na bola Ayala Bôto, afirma *ter gostado muito especialmente do Vitor Silva*.

O *Seculo*, por sua vez, dest'arte grita inflamado: *Vitor Silva teve uma grande tarde pela forma como distribuiu o jogo. Subtil, imprevisivo, perigoso*.

E assim, por diante, a opinião é unanime.

Dirigentes, jogadores, publico, o arbitro espanhol, o *captain* belga, tudo diz que Vitor Silva, senão o melhor jogador em campo, foi pelo menos o melhor da frente.

Mas o *Diario de Noticias* e *Os Sports* — para o caso é a mesma coisa — é que não estão pelos ajustes, e então, em tom declamatorio e algo atarantado, *botam a sua sentença*:

«Vitor Silva fugiu sempre a empregar-se, passando como o mais fraco da equipe.»

«Vitor Silva jogou pouco. Está longe — a que distancia estará ele? — do bom jogador que foi. Incerteza nos passes, ausencia de remate e nonchalance — que rica palavra! — *incompreensivel*».

Como veem, é esta a unica opinião neste genero. E havemos de convir que ela dá uma ideia — irouxa, é certo — da pessoa que a emittiu.

Em todo o caso, fazemos a justiça de acreditar que esta não de-

ve ser a opinião do articulista (terá ele opinião?).

Deve ter sido aquilo que nos jornais se chama uma *gralha*. Mas uma *gralha* embirrenta, embirrentissima, de grande calibre.

Os tipografos, em boa e santa verdade, acabam sempre por serem os culpados de todas as santas asneiras que se escrevem nos jornais. Não existe asneira ou erro que não lhes seja atribuido.

Mas a verdade é que o *Noticias*, em coisas de *sport*, é useiro e ve-seiro em *gralhas* deste genero.

No Portugal-Italia, todos viram e reconheceram, como não podia deixar de ser, que a actuação do *referee Lloveras Más* foi absolutamente má, mesmo *másinha*...

E todos á uma o disseram e afirmaram.

Pois logo o critico do *Diario de Noticias* informou ter sido excelente o trabalho do arbitro, que nem sequer — chama-se *Más* — tem o nome a auxilliá-lo.

Ora não está certo. Um jornal, com as responsabilidades de mais importante do Pais, não pode ter opiniões deste jaez... Porque não se trata duma folha de couve qualquer.

E' o grave, o sisudo *Diario de Noticias*... Vá. Haja um pouco de juizo. Ao menos, um pouco de bom senso...

* * *

A' noite, trabalhou-se em *regime de banqueteame*. Houve banquete e rijo e de escacha.

Sem mesmo sabermos porquê, ocorreu-nos á lembrança um celebre e concorrido banquete, organizado ha tempos no Porto, e ao qual assistiram os representantes de quasi todas as agremiações de desporto e quasi todos os desportistas.

E ocorreu-nos esse banquete porque nos constou que um jornalista de Lisboa, de pequena estatura mas de grande ironia, tinha resolvido enviar o seguinte telegrama, que não poudo ser expedido por dificuldades surgidas á ultima hora. Aqui orquivamos o seu conteúdo para informação dos vindouros e gaudio dos presentes: — «*Senhor Doutor X. P. T. O. — Sinceramente admiro a sua lata*»...

JONICA.

Cacharolete

Um tal professor Piccard quiz os homens assombrar, e, num balão singular, largou, veloz, para o ar. A coisa foi de pasmarr, porque, logo ao descolar, o professor foi parar a uma altura de espantar. Depois de muito pairar, sem já ver terra nem mar, e sem poder respirar, o Piccard quiz aterrarr. O oxigenio a acabar e o tempo sempre a passar, sem conseguir encontrar processo para baixar! Muito terá p'ra contar o tal professor Piccard que, devido á falta de ar, acabou por desmaiar. Sobre um monte de aterrarr lá o foram encontrar, sem ouvir, ver, nem falar, par'cêndo que ia expirar. Perdidos no meio do ar, lá desceram devagar... Mas a sorte do Piccard foi o balão não «picar».

O HOMEM DOS TIMBALES.

Prosa de Cha-Velho

O que nós sofremos na ultima tourada do Campo Pequeno com aqueles aeroplanos que quasi tocavam nos globos da iluminação e ameaçavam chocar nos torredões da praça!

Tivemos momentos de verdadeira emoção, daquela emoção que as touradas nos não dão!

Não temos touros de morte mas estivemos quasi a ter espectadores de morte.

E aqueles papelinhos que os aparelhos lançavam cá para baixo e se espalhavam pela arena, distraindo os touros e prejudicando a lide...

Os tuberculosos não diminuirão em consequencia da acção dos aeroplanos, mas o numero de lesões de coração aumenta, com certeza, entre os espectadores.

Arre! Antes ser toureiro com embolados e ganhar dinheiro do que pagar e estar sob a ameaça dos aeroplanos!

Os que não ficaram cardiacos ante o perigo dos aeroplanos não escaparam, com certeza, com o espectáculo de Domingo Ortega, arriantando-se como um barbaço áquele touro de Infante da Camara que saiu desembolado e não foi picado.

Lembrámo-nos dos primeiros tempos de Belmonte e lembrámo-nos, sobretudo, do panico que tivemos sofrer os toureirinhos que tiveram de tourear com Ortega! Pobresinhos, ou se arrimam como ele ou vão para o montão...

E' o que vamos ver nos proximos dias 24 e 25, em Badajoz, quando Ortega tourear, nas duas tardes, com Barrera e «Cagancho», Marcial e Bienvenida.

De aconselha: é que os espectadores levem consigo frasquinhos de brometo ou «termos» com chá de tili...

PEREZ LA CHAISE.

“Navalistas”

A Companhia Portuguesa de Tabacos sabe que a rapazada do *Sempre Fixe* gosta de fumar... do bom. E, assim, cada vez que lança uma nova marca no mercado, lembra-se de nos.

A ultima marca de cigarrilhas tem o nome de «Navalistas» e foi «emitida» em homenagem aos nossos desportistas. E dela só podemos dizer que é boa, bem apresentada e barata, três virtudes verdadeiras que raramente coincidem...

Quereis dinheiro ?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

SAPATARIAS

ATLAS

DEPÓSITOS EM LISBOA:

R. Aurea, 198; R. Augusta, 149; R. do Carmo, 87; R. de Loreto, 88

ABERTURA DA

Estação de Verão

Baixam as suas tabelas de preços

Reparação do esplendido calçado PACKARD na loja da R. Augusta



—Doutor, diga-me a verdade...
—Meu pobre amigo está com esse nado!
—A quanto?

ECOS DA SEMANA

SÓ ASSIM O ALBUQUERQUE
TEM AGUENTADO O CASTELO

ECOS DOS NOSSOS PAVILHÕES

A MESMA SOLUÇÃO VEIO
AUXILIAR A TÓLA DE
D. HENRIQUE

A ÚNICA COISA A BÓRLA NA EXPOSIÇÃO
SÃO OS BANCOS DOS NOSSOS PAVILHÕES



OS PAVILHÕES HISTÓRICOS
VISTOS EM BAIXO MAS COM
O PENSAMENTO EM CIMA.

LANÇAMENTO JUMA
PIROGA FEZ
LEMBRAR O
DO "DEUTER
LAND"

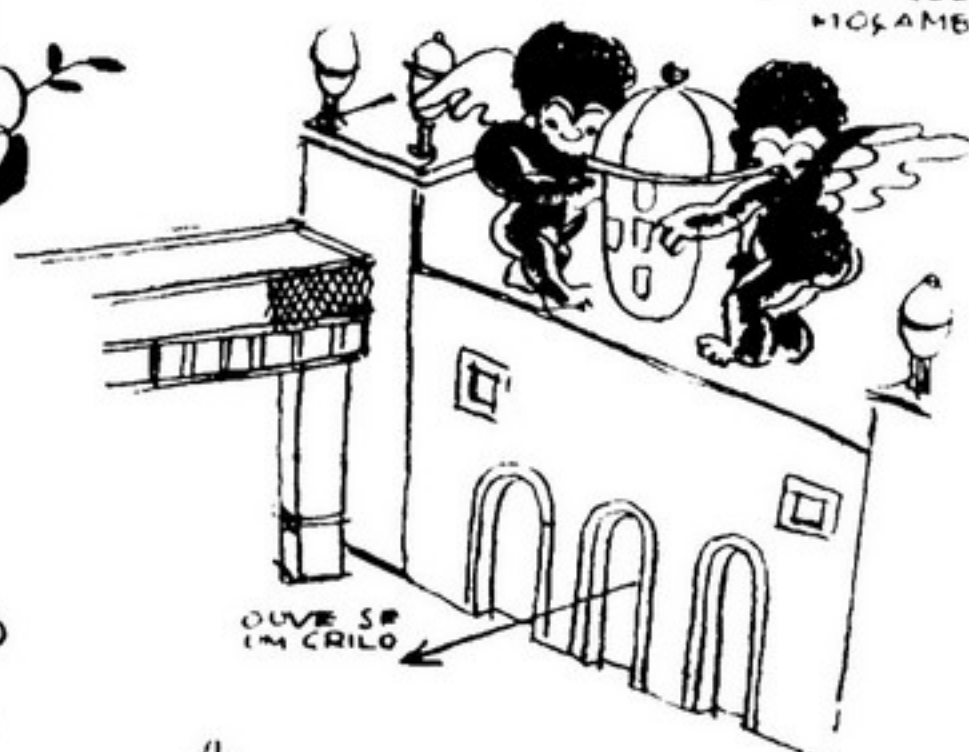


TEM ESPIGADO
BASTANTE
OS REPOULHOS
DO PORTICO

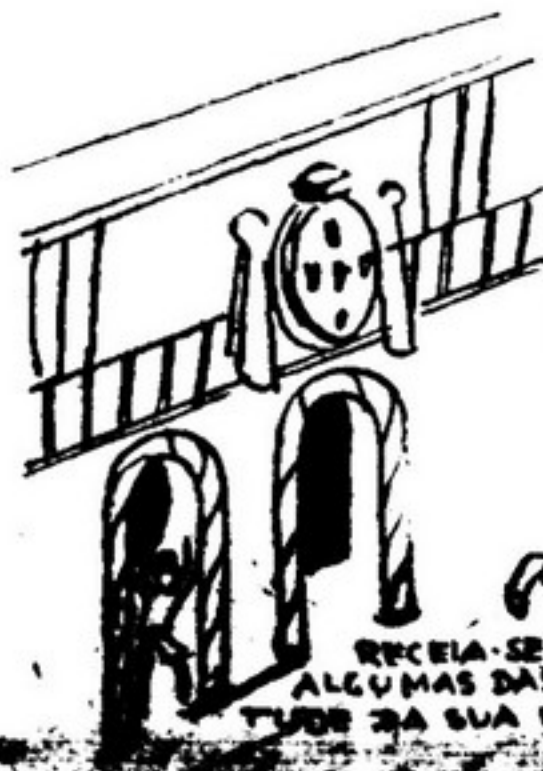
VE SE LOGO QUE
É O PAVILHÃO
DE ANGOLA E
MOÇAMBIQUE



OUTROS HA QUE FICAM
PERPLEXOS A VER UMA
PITEIRA SERÁ PITEIRICE?
SERÁ PITEIREIRO?



OUVE SE
EM CRILO



RECIA-SE FICAR SEM
ALGUMAS DAS PORTAS EM VIR
TUDO DA SUA RIQUEZA AURIFERA



LIXADOS OS LANDEIROS
MÁS VÃO BEIJAM
VER NADA



NOS PRIMEIROS CONTENTA
VEM-SE COM OS GAIKOTES, VASIOS.

PARA MAIS NOTÍCIAS E CRÍTICAS, VOLTAR À PÁGINA 10 DO FIXE

PAGINA INFANTIL**AS AVENTURAS DO QUIM
& DO MANEGAS POR STVARI** **Terceiro Episodio da Primeira Parte**

I — Perna de Pau, na ausencia dos manos, rouba os bolos à tia Leocadia...

II — ...e transporta-os para o labora-
torio do chefe Papo-Seco...

III — Manecas sabe que os gatunos fô-
ram deixar os bolos em casa do Quim...



IV — ...e, desconfiando da fartura, re-
solveu meter dois dos bolos numa ra-
tocira..

V — Não se enganára. Os bolos ti-
nham inoculado nos ratos os microbios
da raiva...

VI — Manecas tem uma ideia: deitar
os ratos no subterraneo da quadrilha do
Papo-Seco...



VII — A temivel quadrilha do Papo-Seco, aco-
ssada pela rataria danada, foge
do covil, sem ter, sequer, tempo de salvar nada do produto dos seus constantes rou-
bos, que sobem a muitos contos de réis..

VIII — ...e quem ganha com isso é o
Manecas — que não tem medo dos ratos...
(Segue no proximo numero)